

Apresentação

Patrimônio cultural e seus significados, dossiê que versa sobre diferentes dimensões culturais do patrimônio memorial, expõe reflexões sobre os embates de fixação de memórias de certos eventos, ressignificados por gerações posteriores, que se amparam no protagonismo de sujeitos transfigurados em **heróis**, os **homens-memória na acepção de Pierre Nora**, cuja materialidade plasmou-se por episódios considerados memoráveis que atravessaram os séculos (e os regimes políticos) chegando à experiência republicana, da virada do século XIX à atualidade. Essas formulações inscrevem-se na criação desses homens-memória (e mulheres-memória), no acúmulo de acervos, na criação de monumentos ou na ressignificação de outros que encarnam as “lembranças” do acontecido; e, na atualidade, em âmbito mais geral, na criação de espaços (materiais ou virtuais) que guardam, catalogam e disponibilizam o patrimônio cultural em escala planetária, considerando-se que cópias de parte desses acervos encontram-se na *infovia*.

O cenário memorial, apresentado em *Patrimônio e Memória* – neste volume 9, número 1, de 2013 –, se desenha inicialmente, no Brasil, em episódio sobre a sacração de certa rua como espaço de “referências/lembranças” de uma comunidade da tradicional Rio Pardo, pequena cidade na região central do Estado do Rio Grande do Sul, que se defende das investidas de demolição em nome do progresso. “O foco do debate, dizem os autores Miguel Ângelo Silva da Costa e José Martinho Rodrigues Remedi, foi o polêmico processo de patrimonialização da Rua da Ladeira como forma de preservá-la do afã modernizador e teve como um de seus principais defensores Biagio Tarantino” que acionou ampla rede de relações para garantir a manutenção do perfil da rua com o seu “calçamento de pedra”, defesa essa sustentada na argumentação que reafirma tratar-se de restos de um mundo que sobreviveu ao movimento das sucessivas gerações, por seu caráter de “testemunho” e de “registro” memoráveis dos embates de seus antepassados.

O debate desliza para o cerco da Lapa, no Paraná, pugna em defesa da República, cujo esforço de fixação de seus significados, alerta Maria Julieta Weber Cordova, mantém-se ao longo dos anos, mesmo que para isso os investimentos de justificação sejam recorrentes e ganhem legitimidade ao se transformarem em patrimônios de todos, referendados nos mecanismos de seu processo de reconhecimento, como defende a autora do texto. Ou seja, “os patrimônios tombados podem assumir signos sociais e culturais instituídos na narrativa de seu próprio processo de tombamento” que se ancora na materialidade do monumento tombado que encontra “representatividade histórico-cultural quando garantida por uma dada produção historiográfica”.

Entre os textos do dossiê, é possível acompanhar em significativa contribuição de Rodrigo Patto Sá Motta os embates sobre “lembrar” e “esquecer” presentes na sociedade brasileira contemporânea em torno dos nefastos legados da ditadura militar das décadas de 60/70 do século XX. As discussões avançam em direção a “demandas por justiça” ao trazerem à tona acontecimentos que marcaram o período ditatorial após 1964, cujas disputas sobre a verdade e seus significados têm alcances inesperados e se travam na atualidade em torno do legado dos Estados autoritários, entre os próprios sobreviventes ou os seus familiares, que protagonizaram os acontecimentos, tendo a “Comissão da Verdade”, o *locus* desencadeador desse processo de rememoração e de busca da verdade, para uns e, da promoção de justiça, para outros. Os legados da ditadura voltados à violação dos direitos humanos também são discutidos por Reginaldo Dias, que analisa as disputas a respeito da instalação, da pauta e dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade inquirindo “como dois polos do processo, as corporações militares e os movimentos de familiares de mortos e desaparecidos, informam suas ações e manifestações em uma disputa de memória que remete ao auge da ditadura”. Tal processo traz à tona o vai e vem de posições em busca do desvelamento de “verdades”, para uns e “mentiras”, para outros, que, por muito tempo deram sustentação ao enquadramento da memória oficial sobre o acontecido.

No âmbito do dossiê, as discussões avançam em direção aos acervos, a exemplo do ambicioso projeto da Europeana, apresentado por Dov Winer (um dos seus integrantes) e Ivan Esperança Rocha, que agrega e organiza o “patrimônio cultural europeu” e disponibiliza na *infovia* aos usuários as informações e arquivos ali agregados; ou, numa dimensão mais pontual, sobre os significados, de acervo relativo ao patrimônio artístico de posse da Universidade de Brasília inventariado segundo determinada perspectiva e tematizado pelo pesquisador Emerson Dionísio Gomes de Oliveira que desconstrói os paradigmas que serviram para atribuir sentido ao conjunto desse acervo.

Além das discussões já assinaladas, *Patrimônio e Memória* traz nas seções artigos e resenha, assuntos variados, de seu interesse, prezados leitores. Os artigos tratam de temas abordados por pesquisadores do Brasil e do exterior. A contribuição da França merece destaque por evidenciar os textos de experientes pesquisadoras francesas. De um lado, temos o texto *Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France - Brésil, XIX siècle)*, de Diana Cooper-Richet, que aborda as trocas culturais entre a França e o Brasil no século XIX, revisitadas sob a ótica da história dos impressos. A circulação de livros e periódicos, em francês e em português, no Atlântico europeu e nos trópicos e o papel exercido por livreiros-editores parisienses na produção e na difusão destas obras, desvelam o lugar ocupado por Paris nos circuitos de países e de domínio de língua

portuguesa. De outro, *O discurso de escolta. As Notas e seus problemas (O Exemplo da correspondência de Zola)*, de Colette Becker, que se constitui em indicações metodológicas que orientam as pesquisas com fontes epistolares, em especial as notas (e seus problemas) que a autora chama de “o discurso de escolta”. O texto é paradigmático para os pesquisadores que se ocupam de fontes dessa natureza que têm sido arguidas também por pesquisadores brasileiros. Já os textos do Brasil, trazem contribuições de pesquisadores experientes e, também, de jovens pesquisadores cursando o doutorado que apresentam os resultados de suas pesquisas e reflexões sobre os enfoques metodológicos atinentes aos materiais e temas investigados.

No primeiro caso, as reflexões de Marco Antonio Stancik dizem respeito às representações forjadas nas fotografias relativas à mulher, veiculadas por cartões-postais franceses que exibem temática associada à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) com realce ao “emprego de imagens de caráter sentimental, nacionalista e belicoso”, em sintonia com o imaginário coletivo do período cujos postais atribuíam à mulher papéis associados ao lar e ao cuidado dos filhos, omitindo sua participação em outras atividades, associada aos esforços de guerra; e, também ao papel de mulheres que protagonizaram experiências educacionais no Brasil e textos que abordam a problemática da educação, com foco em modelos pedagógicos cuja referência é a França.

Os textos seguintes, publicados nessa seção – “Artigos” –, tratam de assuntos e enfoques metodológicos em conformidade aos temas e fontes pesquisadas. As preocupações de ordem metodológicas aparecem em texto de Priscila David que aborda as fontes orais, trazendo para o universo científico, arguições sobre a subjetividade e o papel do narrador no âmbito das investigações acadêmicas. Os demais textos versam sobre temas que têm nos periódicos particularizados a sustentação às suas reflexões, a exemplo de *Semana Sportiva* que trata de assuntos relativos aos esportes. O artigo de Henrique Sena dos Santos discute de que maneira o periódico ilustrado inseriu-se na nascente imprensa esportiva de Salvador e, em que medida o semanário contribuiu para fomentar o desenvolvimento de uma cultura esportiva na cidade; a memória e os impactos ao meio ambiente resultante do processo de criação de Hidrelétrica do Alto Paraná de autoria de Andrey Minin Martin. E, finalizando o conjunto de textos, a resenha sobre a memória da Segunda Guerra Mundial, de Alexandre Andrade da Costa.

A capa de *Patrimônio e Memória* encerra as reflexões do presente número que busca o diálogo com os assuntos agregados em seu dossiê. Nessa ocasião especial, ela volta-se para si, ao trazer a foto do prédio do Cedap que faz 40 anos, em 20 de junho de 2013, buscando atribuir sentido às suas realizações, sejam as relativas à trajetória do

Centro, sejam as da própria Revista, criada em 2005. Nessa edição, *Patrimônio e Memória* completa 17 números, de significativas contribuições de pesquisadores do Brasil e do exterior sobre temas variados relativos aos bens culturais e assuntos correlatos do campo cultural que, certamente, ajudaram os seus leitores a alçar voos em múltiplas direções.

Assis, 28 de maio de 2013.

Zélia Lopes da Silva - editor